

## O SENTIDO PARA SAUSSURE E JAKOBSON

Gabriela REMPEL\*

Cristiane LOREK\*\*

### RESUMO

A partir do reconhecimento da importância dos autores Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson para os estudos linguísticos, nosso objetivo é realizar alguns apontamentos e comparações na obra dos dois autores. Buscamos explorar como o conceito saussuriano de Valor e o conceito jacobiano de Poética podem ser aplicados à análise de textos da atualidade, como uma charge e um poema. Para tanto, debateremos a noção de valor no *Curso de Linguística Geral* publicado em 1916, e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye, e nos manuscritos, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2002). Para dar conta do conceito de Poética proposto por Jakobson foram escolhidos dois textos para serem colocados em relação: *Linguística e Poética* (JAKOBSON, 2010) e *O que fazem os poetas com as palavras* (JAKOBSON, 1973).

Palavras-Chave: Saussure; Jakobson; Sentido; Valor; Poética.

### INTRODUÇÃO

O *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*) é considerado, por muitos, a obra que funda a Linguística como ciência da língua. Por isso, seu autor, Ferdinand de Saussure é visto como o pai da linguística (PIOVEZANI, 2008; SURREAUX, 2013). Além disso, no que se refere à Teoria do Valor, Silveira (2009, p. 40) aponta que o conceito saussuriano de valor reorienta os estudos da linguagem e influencia outras áreas, tais como a Antropologia e a Psicanálise.

Nessa mesma perspectiva, outro autor, Roman Jakobson, devido as suas concepções e contribuições para a linguística moderna, também é considerado de fundamental importância para a área. Lima-Lopes (2006, p. 410), afirma que “Halliday tem seu trabalho em linguística profundamente influenciado por pesquisas

---

\* Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: gabriela.rempel@gmail.com

\*\* Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: crisflorek@hotmail.com

estruturalistas, entre elas a glossemática de Hjelmslev, o distribucionalismo de Bloomfield e o Círculo Linguístico de Praga, assim como pela Pragmática”.

Halliday, assim como Jakobson, enfatiza a base paradigmática da linguagem e a relevante importância da semântica para os estudos linguísticos.

Com base nisso, nosso objetivo é apresentar alguns apontamentos sobre a teoria de Saussure e Jakobson, bem como propor exemplos aplicados aos conceitos por eles propostos. Para falar sobre as considerações importantes acerca de Saussure, propomos uma comparação quanto à noção de valor no *CLG* (SAUSSURE, 2000) e nos manuscritos (SAUSSURE, 2002), enquanto, para discorrer sobre Jakobson, propomos uma discussão sobre dois textos: *Linguística e Poética* (JAKOBSON, 2010) e *O que fazem os poetas com as palavras* (JAKOBSON, 1973).

Apresentaremos nossos apontamentos teóricos, iniciando com as considerações sobre Saussure. No tópico posterior, apresentaremos a discussão dos textos de Jakobson. Nas seções seguintes, buscaremos exemplificar como essas concepções ocorrem em textos atuais (uma charge e um poema), no intuito de ilustrar e averiguar a aplicabilidade prática de nossas proposições. Por último, faremos nossas considerações finais.

## A NOÇÃO DE VALOR NO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL* E NOS MANUSCRITOS DE SAUSSURE

O *CLG*, embora seja uma obra que gera controvérsias quanto a sua autoria e legitimidade, é, na figura de seu autor, Saussure, a obra que funda a Linguística como ciência da língua (BOUQUET, 2009, p. 161). Dessa forma, Saussure, a partir do *CLG*, separa a ciência da linguagem de outras ciências como a psicologia, a semiologia e a filosofia. Dessa maneira, auxilia na consolidação dos estudos empíricos da linguagem, contribuindo, assim, para sua afirmação como ciência. Das reflexões de Saussure sobre a língua, – como, por exemplo, as dicotomias, a relação entre os eixos associativo e sintagmático – o valor linguístico é um dos temas que contribuiu e ainda contribui significativamente para as discussões linguísticas posteriores (SILVEIRA, 2009, p. 40).

O signo linguístico é definido por Saussure no *CLG* (SAUSSURE, 2000, p. 80), como uma entidade psíquica de duas faces – conceito e imagem acústica – na qual uma

reclama a outra e uma não funciona sem a sua contraparte para gerar a totalidade do sentido. O signo refere-se sempre a essa totalidade, a essa união das duas faces. O laço que une significado (conceito) e significante (imagem acústica) é sempre arbitrário (SAUSSURE, 2000, p. 81). Os elementos que entram em jogo no funcionamento desse sistema são, portanto, ideias e sons.

O valor, assim como o signo, é arbitrário, diferenciando-se deste por ser relativo (SAUSSURE, 2000, p. 132). Assim, o valor está na relação significante-significado e, também, na relação de um signo com o outro. Para que o valor se estabeleça, é preciso que o signo esteja dentro do sistema. Por isso, a sociedade se faz necessária, uma vez que é o consenso o que define o valor linguístico dentro do sistema (SAUSSURE, 2000, p. 132).

Considerado em seu aspecto conceitual, o valor linguístico é formado sobre um princípio paradoxal de dessemelhanças e semelhanças (SAUSSURE, 2000, p. 134). Isso significa dizer que tanto pode ser trocado por outro, quanto comparado a outro. A fim de ilustrar essa noção, vejamos um exemplo: “Eu te amo”, em português e “Je t’aime” em francês podem ter a mesma significação, mas não o mesmo valor. Dizer “eu te amo” em português é mais absoluto do que dizer “Je t’aime” em francês. Em português, “Eu te amo” é o ponto máximo de uma escala de opções como “Eu te adoro”, “Eu gosto de ti”. Já em francês, “Je t’adore” seria o ponto máximo dessa escala. O valor da palavra “amar” em português, por exemplo, só pode ser compreendido em sua plenitude por sua associação com termos semelhantes (adorar, gostar, admirar) e por sua relação com termos dessemelhantes (odiar, detestar). Por isso, o valor de um termo depende daquilo que está ao seu redor, tanto no eixo sintagmático, quanto no eixo associativo.

Nesse mesmo sentido, o termo “curtir”, largamente utilizado em redes sociais, ganhou novo valor quando contextualizado no meio digital, diferente do valor com que era, até então, empregado. Pode-se dizer que o valor é aquilo que não é, mais do que aquilo que é. O valor é definido não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema (SAUSSURE, 2000, p. 136).

Quando tomado em seu aspecto material, o que importa não é o som em si, mas diferenças fônicas que distinguem uma dada palavra de todas as outras (SAUSSURE, 2000, p. 137). É por isso que se diz que na língua só existem diferenças. “Lata” se

diferencia de “pata”, por exemplo, pelas diferenças fônicas entre as letras “p” e “l” e pelo valor agregado a essa diferença. O conceito e a imagem acústica, tomados separadamente, são entidades negativas da língua, mas, quando unidos no signo linguístico, são unidades positivas que se diferenciam das demais por seu valor.

Embora entendamos que a questão do valor seja abordada em diversos pontos da teoria proposta por Saussure, nos manuscritos, especificamente, o autor trata mais diretamente do valor em três tópicos: [Valor, sentido, significação...]; [Valor e formas] e [Valor – Coletividade]. No livro organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, valor, sentido e significação são dados, em um primeiro momento, como sinônimos, uma vez que o todo é solidário. Entretanto, Saussure ressalta que o termo valor é o que melhor definiria a essência da língua, pois uma forma não significa e, sim, vale. E ao valer, uma forma relaciona-se a outros valores (SAUSSURE, 2002, p. 30).

Nos manuscritos, Saussure deixa claro que o valor não é do domínio exclusivo da relação do signo com outros signos, mas existe, antes de tudo, morfologicamente – ou seja, na língua como sistema (SAUSSURE, 2002, p. 30). Assim, antes mesmo de ser uma ideia ou uma forma, a linguagem já é dotada de valor. Outro ponto tratado nos manuscritos, e que não é focado no *CLG*, é a diferenciação entre forma e figura vocal.

A figura vocal seria o signo isolado, desprovido de valor, enquanto a forma seria o signo quando colocado em oposição aos demais signos e carregado de valor (SAUSSURE, 2002, p. 31). Ao que nos parece, Saussure tenta indicar, nos manuscritos, a existência de um *continuum*: figura vocal – signo – forma. A figura vocal, segundo nossa interpretação, seria o signo sem delimitações claras entre conceito e imagem acústica. No signo, essa relação estaria mais clara, mas para poder apreendê-la na sua totalidade faz-se necessário a noção de forma. Na forma, as contrapartes conceitual e acústica ganham o valor linguístico por oposição às outras formas do sistema. Assim, a forma existe depende do sistema e da coletividade. Forma não é sinônimo de sentido, mas condiz à relação do signo e do sistema. Portanto, ao passo que a figura vocal possibilita realizações particulares, a forma depende da coletividade para existir.

Saussure expõe ao longo dos manuscritos algumas semelhanças e diferenças entre figura vocal e forma. Para o autor, não existe forma fora da língua, pois, se existir, trata-se de uma figura vocal e não de uma forma. Desse modo, uma figura vocal se torna uma forma no momento em que entra em contato com o jogo de signos que se chama a

língua (SAUSSURE, 2002, p. 38). Essas duas questões colocadas nos manuscritos sustentam nossa interpretação de que há relação contínua entre figura vocal, signo e forma, e de que essas são concepções importantes para a compreensão da noção de valor.

#### APONTAMENTOS SOBRE OS TEXTOS *LINGUÍSTICA E POÉTICA* E *O QUE FAZEM OS POETAS COM AS PALAVRAS*, DE ROMAN JAKOBSON

Pretendemos apresentar, aqui, alguns apontamentos e reflexões sobre dois textos de Roman Jakobson, a saber, *Linguística e Poética* (JAKOBSON, 2010) e *O que fazem os poetas com as palavras* (JAKOBSON, 1973). Esses textos revelam um pouco das preocupações linguísticas que fundamentaram a obra de Jakobson e tratam particularmente do espaço que ocupa a Poética, na língua e na linguagem.

Para Jakobson, a linguagem é uma grande estrutura semiótica dentro da qual coexistem outras estruturas menores igualmente plenas de sentido como, por exemplo, lexemas, fonemas, morfemas, semas, enfim, elementos linguísticos que ocorrem juntos e simultaneamente para a construção da totalidade do sentido (JAKOBSON, 2010). Com base nisso, podemos dizer que Jakobson é um autor que se preocupa mais com o conteúdo do que com a forma.

A língua é uma totalidade complexa em que, além de diferentes estruturas, coexistem diferentes funções que se tornam mais ou menos proeminentes de acordo com a orientação que é dada ao código linguístico. Por isso, “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções” (JAKOBSON, 2010, p. 156).

Para entender as funções da linguagem é importante compreender como ocorre o funcionamento do ato de comunicação verbal. Todo ato comunicativo necessita de um remetente (quem produz a mensagem), uma mensagem (conteúdo), um destinatário (quem recebe a mensagem), um contexto (a que se refere), um código (língua comum ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário) e o contato (canal físico e relação psicológica que permita a comunicação entre remetente e destinatário) (JAKOBSON, 2010, p. 156). Qualquer ato comunicativo envolve esses elementos e a cada um desses atos há uma função da linguagem atrelada.

Cada uma dessas funções pode ocorrer com maior ou menor grau, dependendo da situação. Por exemplo, quando a ênfase está no remetente, tem-se a função emotiva, caracterizada por ser uma função expressiva, cuja diferença não se centra apenas na enunciação, mas também na linguagem. Quando se destaca o contexto, temos a função referencial. A tendência para o destinatário viabiliza a função conativa que tem sua expressão gramatical no uso do vocativo e do imperativo. A função fática torna proeminente o contato, isso é, há a verificação do funcionamento do canal. Quando a saliência está no código, se diz que a função é metalinguística, ou seja, a função usada para se referenciar à própria linguagem (JAKOBSON, 2010, p. 156-165).

A fim de ilustrar as diferentes funções de linguagem e os elementos comunicativos que elas destacam, vejamos um exemplo. Em tempos de grandes trocas de informações em redes sociais, o código, por vezes, é questionado. Uma publicação pode ser mal interpretada ou não ser compreendida, embora o código em uso seja o mesmo. Em uma situação como essa, temos elementos linguísticos que são simultâneos: remetente, destinatário, código, contato, mensagem e contexto. Entretanto, nessa situação específica de incompreensão da mensagem, é enfatizado o código.

Há ainda outra função da linguagem que é, principalmente, enfocada pela literatura e que, por vezes, é pouco discutida no âmbito dos estudos linguísticos, mas que na concepção de Jakobson é parte e função integrante da linguagem. Trata-se da Poética, que é um fenômeno, segundo o autor, tão universal quanto a linguagem, pois “não há um só grupo étnico desprovido de poesia” (JAKOBSON, 1973, p. 5).

Sendo a função Poética um fenômeno da linguagem e não um fenômeno isolado, os estudos linguísticos da Poética vão além da poesia e o estudo linguístico da poesia não se limita à função Poética (JAKOBSON, 2010, p. 164). É proveitosa a compreensão de que todo evento linguístico é perpassado pela função Poética, bem como pelas demais funções da linguagem em maior ou menor grau. Assim, isolar a Poética da linguagem ou não considerá-la nos estudos linguísticos limitaria o entendimento global do sentido.

A pergunta norteadora de Jakobson, nos textos em questão, procura desvelar qual seria a característica indispensável, inerente a toda obra Poética, e qual o critério linguístico empírico da função Poética (JAKOBSON, 2010, p. 165). Para Jakobson, a Poética investiga o que faria da mensagem verbal uma obra de arte. O autor aponta que

a Poética é parte integrante da linguística, assim como do domínio da teoria dos signos e da semiótica em geral (JAKOBSON, 2010, p. 168).

Do ponto de vista linguístico, a Poética traz à tona o aspecto de equivalência, semelhança, dessemelhança, sinonímia e antonímia entre os elementos linguísticos, revelando sua intrincada relação com o eixo da combinação e seleção (JAKOBSON, 2010, p. 166). Normalmente, pensamos nessas dicotomias de forma excludente e como sendo antagônicas, o que equivale a dizer que uma não poderia ocorrer concomitantemente à outra. O que Jakobson revela é exatamente o contrário, mostrando que as relações dicotômicas da linguagem, assim como as funções, ocorrem simultaneamente e, no caso da Poética, lhe conferem sentido particular. Isso significa dizer, nas palavras do próprio Jakobson, que “a função Poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo da combinação” (JAKOBSON, 2010, p. 166).

Na Poética está em jogo a relação entre som e sentido. A cada rearranjo da linguagem, ocorrem novos nexos entre as palavras e entre os elementos fonéticos e morfológicos que as compõem. Tais rearranjos geram, então, novos valores. Quando esses novos valores são aceitos pelo leitor, a função Poética ganha forma.

Segundo Surreaux (2013), o valor do fonema no sistema, sua ausência ou presença, a função que tem o elemento fônico de distinguir elementos lexicais, embora, não apresente uma significação própria, define o valor dos elementos dentro do sistema (por oposição aos demais elementos da língua). Disso, entende-se que, em Poética, o fonema tem valor de signo, os diversos níveis linguísticos são significantes: fonética, morfologia, sintaxe e semântica são, particularmente e globalmente, significantes. Em outros termos, na poesia, a cada repetição mantém-se uma unidade intrínseca, porém, na medida em que essa unidade é colocada em um novo contexto, a mesma estrutura adquire outros significados, dependentes da nova situação.

A Poética está na linguagem e não somente na poesia, uma vez que textos cotidianos, por exemplo, podem fazer uso da função Poética. Nas palavras de Jakobson (2010, p. 168), a Poética é a parte da linguística que trata da função Poética em sua relação com as demais funções da linguagem.

A questão da tradução de obras poéticas revela a complexidade de sua produção (JAKOBSON, 1973, p. 7). A tradução requer correspondência entre a estrutura de

rimas, estrutura de versos, escolha de imagens que não têm, necessariamente, o mesmo funcionamento e correspondência em línguas diferentes. A tentativa de isolar o aspecto fonético do verso e pautar o seu estudo na métrica e na rima é muito reducionista, visto que a hesitação entre som e sentido e o valor decorrente disso é a maneira mais realista e científica de se adentrar no campo do verso, da rima e da Poética (JAKOBSON, 2010).

Dado tudo o que foi discutido até o momento, fica claro que a linguagem deve ser analisada de maneira que linguística e Poética sejam tratadas como coexistentes (JAKOBSON, 1973, p. 9). Jakobson foi um linguista preocupado com o limite entre ciência e arte, e foi um dos fundadores do estruturalismo, não do estruturalismo estático, mas daquele preocupado com o funcionamento da língua.

Por isso, dado o exposto no *CLG*, entendemos que Jakobson acredita na sincronia aplicada à diacronia. A proposta de Roman Jakobson demonstrou não ser estática, tampouco a-histórica: apesar de ter sido fortemente influenciada pelas dicotomias opositivas de Saussure, Jakobson soube redefini-las em termos de complementaridade.

A seguir, apresentaremos exemplos aplicados aos conceitos debatidos, começando por Saussure.

## APLICAÇÕES DOS CONCEITOS PROPOSTOS POR SAUSSURE E JAKOBSON

Gostaríamos de exemplificar as discussões levantadas nos tópicos anteriores, analisando dois textos atuais. Inicialmente, por meio da análise de uma charge da Mafalda, apresentaremos como a noção saussuriana de valor pode ser apreendida. Posteriormente, com base no poema *Átomo divisível*, de Arnaldo Antunes, nos propomos a analisar a noção de sentido, partindo dos conceitos propostos por Roman Jakobson.

### **Análise a partir de Saussure**

A fim de ilustrar a noção saussuriana de valor, trazemos a análise sintetizada de uma charge da Mafalda retirada da *Internet* (Fig. 1):



Fig. 1: Charge da Mafalda (MAFALDA TIRINHAS)

No momento em que a professora de Mafalda e Manolito solicita uma palavra que comece com a letra “P”, inicia-se um processo de escolhas associativas em que o valor que as palavras receberão dentro do sistema, se tornará crucial para o efeito final de sentido. Manolito poderia ter escolhido uma série de palavras que se relacionam em semelhanças e dissemelhanças para determinar o valor de cada palavra, em sua relação com as palavras ao seu redor.

A escolha do termo “Política” ilustra um novo valor que a palavra ganhou a partir de uma nova configuração dentro do sistema. O humor, assim, se faz presente a partir de um jogo de valor: uso convencional do termo palavrão e uso não convencional do termo palavrão. Por isso, pode-se dizer que a expressão do humor na charge é condicionada pelo valor linguístico de duas palavras: palavrão e política. O sentido convencional de palavrão refere-se a termos grosseiros ou obscenos. Entretanto, dado a semelhança com as ações de alguns políticos, por analogia, a palavra política ganha uma nova significação e é usada como sinônimo para uma grosseria.

A partir do exposto no *CLG*, nos manuscritos e em nosso exemplo, algumas reflexões sobre a noção de valor são pertinentes. Em nosso ponto de vista, a noção de valor nos faz entender a língua em seu uso. No processo inconsciente que é nosso pensamento, bem como em momentos de interações e trocas com outros indivíduos, escolhemos uma palavra por o que ela é e por o que ela não é. Partindo dessa reflexão sobre o uso que fazemos da linguagem, pensando-a sempre como uma figura vocal que se torna forma pelo valor que a ela se agrega no emprego do sistema, é possível que sejamos mais críticos quanto ao que estamos colocando em funcionamento e, assim, evitaremos interpretações inadequadas.

Diferentes práticas, tais como anúncios publicitários, charges, textos jornalísticos, poesia e literatura, dependem, antes de tudo, do valor linguístico. Esse entendimento

nos permite compreender o quão complexo é o funcionamento da nossa consciência e a forma como usamos a linguagem diariamente.

Para concluir, ressaltamos que o valor linguístico, bem como o estudo da língua como um todo é, na teoria de Saussure, pelo que indicam, principalmente, os manuscritos que “todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, [que] se resume, como se preferir, no estudo do *emprego das formas* ou no da *representação das ideias*” (SAUSSURE, 2002, p. 32).

### **Análise a partir de Jakobson**

Dispomo-nos agora, por meio do poema *Átomo divisível* (Fig. 2), de Arnaldo Antunes (1997), a apresentar algumas observações à luz do proposto por Jakobson.



Fig. 2: *Átomo divisível* (ANTUNES, 1997)

Nesse poema, Arnaldo Antunes explora a função Poética da linguagem, segundo o exposto por Jakobson. A relação entre som e sentido se dá tanto na conexão entre os versos, quanto na relação palavra com palavra, sílaba com sílaba e fonema com fonema. O texto tona-se, portanto, polissêmico, expressão máxima da função Poética. Acreditamos que é a ressignificação do sentido dos elementos mínimos da língua em contextos diferenciados, assim como a vastidão dos sentidos decorrentes disso, que respondem à indagação de Jakobson sobre o que faz da linguagem uma arte.

Arnaldo Antunes usufrui de rótulos que geralmente denominam ou caracterizam elementos específicos do mundo real, largamente usados na linguagem, como “aço inoxidável”, “átomo divisível”, para reagrupá-los e reorganizá-los, par a par, e, assim, gerar novos sentidos. Mas, não somente o signo linguístico é rearranjado, também o

som ganha sonoridade e sentido diferenciado. Os sufixos -ível, -óvel, -úvel, -ével, -ável, em cada verso, dão sentido novo ao sufixo formador de adjetivos -vel. Nesse sentido, há uma tendência a criarmos adjetivos que utilizam esse sufixo (“presidenciável”, “prefeitável”, “reitorável”) a fim de mostrar que o elemento qualificado apresenta atributos que o tornam passível de realizar o sugerido pelo adjetivo, como ser presidente, prefeito, reitor ou, como no poema, dividir-se, mover-se, dissolver-se, não se oxidar, permitir que se veja, etc.

Entretanto, nesse poema, não somente essa ideia se repete e se reorganiza, mas também a sonoridade se recria a cada novo verso pelo uso de palavras em que o sufixo -vel é antecedido de vogais diferentes. Assim, -ível, -óvel, -úvel, -ével, -ável apontam para o poema, significados provenientes da música e ecoam por todo o conteúdo o ritmo dessa melodia que se cria.

Os estudos de Jakobson tanto em *Linguística e Poética* quanto em *O que fazem os poetas com as palavras*, mostram que a Poética vai além da poesia e além da métrica. Essa função que está em toda a linguagem, embora se expresse com vigor na poesia, é uma hesitação entre som e sentido. O som, também não deve ser entendido como unidade mínima, isso é, como fonema, mas como unidade mínima de sentido e de significação, que pode ser tanto o fonema quanto a sílaba, a palavra ou o texto. O sentido, por sua vez, não está somente confinado à totalidade textual, pois em Poética, o sentido está em toda e qualquer resignificação de um elemento da língua e da linguagem. Assim, podemos supor que Jakobson – diferentemente de Saussure, que sugere que o som se distingue do domínio da língua – problematiza no estudo da linguística a forma de associar som com sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, explorar as contribuições de Saussure e Jakobson para a linguística a partir da discussão de alguns pontos das teorias propostas por eles: o valor linguístico e a Poética. A partir de nossa análise, da charge de Mafalda e de um poema de Arnaldo Antunes, procuramos demonstrar que os conceitos elaborados por esses dois autores são atuais e permeiam nosso cotidiano, bem como nossas produções linguísticas.

O legado e a importância de Jakobson e Saussure podem ser percebidos nas proposições dos estudos da linguagem vigentes na atualidade. A sóciosemiótica, da Linguística Sistemática Funcional de Halliday e Hasan (1989) e Halliday e Matthiessen (2004); a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), bem como a Teoria da Avaliatividade de Martin e White (2005), por exemplo, baseiam-se em uma visão paradigmática e semântica da linguagem, antevista por Saussure e Jakobson em seus estudos do início do século XX.

#### THE MEANING ACCORDING TO SAUSSURE AND JAKOBSON

##### ABSTRACT

By recognizing the importance of authors like Ferdinand de Saussure and Roman Jakobson to the linguistics studies, our goal is to do some considerations and comparisons considering the works of these two authors. We aim at exploring how Saussure's notion of value and Jakobson's notion of poetics could be applied to analysis of current texts, like a cartoon and a poem. In order to do this, we will discuss the notion of value in *Course in General Linguistics* published in 1916 and edited by Charles Bally and Albert Sechehaye, and in the manuscript, organized and edited by Simon Bouquet and Rudolf Engler (SAUSSURE, 2002). To discuss the poetic notion of Jakobson we have chosen two texts for comparison: *Linguistic and poetics* (JAKOBSON, 2010) and *What the poets do with the words* (JAKOBSON, 1973).

Key-words: Saussure, Jakobson; Meaning; Value; Poetic.

##### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. Átomo divisível. In: \_\_\_\_\_. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- BOUQUET, S. De um pseudo Saussure aos textos saussureanos originais. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan/jun, 2009.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2010. p. 118-162.

\_\_\_\_\_. O que fazem os poetas com as palavras. In: *Revista Colóquio/Letras*, n. 12, p. 5-9, mar. 1973.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of the design visual*. London: Routledge, 2006.

LIMA-LOPES, R. E. On Grammar. *D.E.L.T.A.*, v. 22, n. 2, p. 409-415, 2006.

MAFALDA TIRINHAS. *Cmei Tortato*. Disponível em: <<http://www.cmeitortato.blogspot.com.br/2011/09/mafalda-charges.html>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Continuum, 2005.

PIOVEZANI, C. Legados de Saussure para a Análise do discurso: reflexões sobre a história da Linguística. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 33-42, set./dez. 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_. F. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVEIRA, E. A Teoria do Valor no Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 39-54, jan/jun, 2009.

SURREAUX, L. *Roman Jakobson: um linguista de muito valor*. Santa Maria: UFSM, 26 jun. 2013. (Palestra ministrada aos alunos da disciplina Seminário Avançados em Saussure e Jakobson.)